

ELEMENTOS SOBRE A BIOLOGIA E A ECOLOGIA DA ARRIBAÇÃ (Zenaida auriculata noronha) DO TERRITÓRIO FEDERAL DE FERNANDO DE NORONHA

José Roberto Miranda *

A arribaçã constitui em Fernando de Noronha um dos três casos de endemismos existentes na avifauna local. Apesar deste estatuto particular a espécie vem sofrendo redução do seu efetivo, devido a caça predatória e alteração do seu habitat. Atualmente o arquipélago vive uma nova fase de relacionamento entre população e governo. Busca-se uma via que permita conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a proteção ao meio ambiente. No caso da arribaçã trata-se essencialmente de uma questão de educação ambiental da população, carente de informações sobre a importância dessa pequena pomba, que poderia tornar-se um perfeito símbolo do Território.

De fato, historicamente, a primeira espécie de ave domesticada pelo homem na Europa foi o pombo. A região Neotropical é relativamente pobre em número de espécies de columbídeos. Das 458 espécies existentes no mundo, apenas uma vintena vive no Brasil. Acredita-se que essa pobreza em columbídeos provenha do fato que poucas espécies apreciam e se adaptam às zonas de florestas. Apesar dessas restrições, a espécie Zenaida auriculata ocorre de maneira descontínua das Antilhas até a Terra do Fogo. Os matutos do sertão nordestino acreditam que a "arribaçã" venha da África e igualmente que "quanto mais se mata, mais aparece". Essa crendice baseou-se na aparição esporádica de arribaçãs mortas nas praias. Outras crendices envolvem essa espécie, sobretudo quando o interesse da caça fala mais alto que a objetividade dos fatos, dado que a espécie é insuficientemente conhecida e estudada. Todavia as informações científicas disponíveis mostram que a espécie passa por um período crítico em várias regiões do Brasil, com tendências a desaparecer.

Somente neste século, as intervenções antrópicas sobre vegetação e o meio reduziram em mais da metade a superfície dos habitats próprios para a formação de pombais no Nordeste. Apesar da diversificação das culturas no sertão e da redução do número de habitats disponíveis para a Zenaida auriculata, nunca houve registro científico de ataques aos campos cultivados por parte deste columbídeo, fenômeno que ocorre na Argentina. Mas os ataques do homem a esse columbídeo são frequentes. Sob a alegação de fome e de vítimas da seca, mesmo pombais em áreas de reserva natural já foram objeto de caça predatória com massacre de adultos e filhotes, os primeiros transformados em iguarias consumidas nas mesas de bar das cidades nordestinas.

A pomba de bando ou arribaçã (Zenaida auriculata noronha) do Território Federal de Fernando de Noronha é uma subespécie endêmica do arquipélago. Ela é fortemente aparentada à subespécie do Nordeste que ocorre sobretudo nos Estados do Maranhão, Piauí, Pernambuco e Bahia. Nestes Estados durante o período reprodutivo, a espécie chega a formar grandes pombais congregando mais de 50.000 indivíduos. No Nordeste e em Fernando de Noronha a reprodução se dá entre os meses de março a junho, isto é, entre o verão e outono austrais.

Como já foi assinalado, os atuais columbídeos migradores das Américas são poucos. Suas populações apresentam um elevado grau de fragilidade, principalmente no que diz respeito aos efetivos populacionais.

Um exemplo dessa fragilidade é ilustrado pela pomba migratória da América do Norte (Ectopistes migratorius) que devido à caça sistemática realizada pelo homem no século passado, reduziu os efetivos da espécie a 700.000 indivíduos no início deste século. A espécie foi totalmente e rigorosamente protegida. Apesar de todo trabalho realizado pelos pesquisadores para a manutenção da espécie, percebeu-se que o número de indivíduos não era mais suficiente. Assim, infelizmente, no dia 7 de setembro de 1914 morreu o último representante de Ectopistes migratorius no Jardim Zoológico de Cincinnati nos Estados Unidos da América.

Esse exemplo ilustra como a predação antrópica pode ser nefasta a ponto de extinguir uma espécie, mesmo quando o número de indivíduos é aparentemente importante. A mesma situação pode estar sendo vivida em Fernando de Noronha. De fato, a arribaçã (Zenaida auriculata noronha) apresenta um grande número de semelhanças com a pomba norte americana extinta. Zenaida auriculata noronha é a única espécie de Columbidae autoctone de Fernando de Noronha. No arquipélago, ela frequenta sobretudo as unidades ecológicas de terra firme da ilha principal, como o planalto central, os vales hidrográficos, os relevos residuais, etc. A espécie está igualmente presente nas ilhas do Meio, Rata e ilha do Chapéu Sueste, onde sofre pressão cinegética apesar da sua caça estar proibida.

Para quem visita o arquipélago e circula na parte terrestre, a arribaçã é a espécie mais fácil de ser encontrada, frequente e abundante. Ela vive em pequenos bandos de 5 a 15 indivíduos, em geral na vegetação herbácea e em formações abertas. Se alimenta quase que exclusivamente de sementes da vegetação natural, consumindo-as inclusive no esterco dos animais. Nesse sentido, a espécie contribui na repartição e na multiplicação da vegetação local, sobretudo das plantas terófitas. A arribaçã aprecia os grãos de pinhão (Jatropha curcas

L.), mussambé (Cleome spinosa L.), pinhão roxo (Jatropha gossypifolia L.), capim mimoso (Paspalum paniculatum L.) e principalmente o mata-pasto (Cassia tora L.), que chega a produzir mais de 1.000 grãos por m².

A arribaçã de Fernando de Noronha é pequena, o comprimento do corpo é da ordem de 20 cm para os indivíduos adultos. O peso médio situa-se em torno de 100 gramas. O dimorfismo sexual é pouco marcado, por isso durante o período de reprodução conta-se o número de casais ao invés do número de machos e de fêmeas reprodutoras. Zenaida auriculata noronha constrói o ninho com gravetos, capim e forra o interior com as próprias penas. Aparentemente tanto os machos quanto as fêmeas trabalham na construção do ninho. O número de ovos varia entre 1 e 3. No Território Federal de Fernando de Noronha a arribaçã nidifica principalmente sobre lenhosos altos com mais de quatro metros como o mulungú (Erythrina velutina Willd), a burra leiteira (Sapium sceleratum Ridley), o cajá (Spondias mombim (L.) Jacq), a quixaba (Bumelia sartorum Mart.), etc. Ela nidifica no solo somente nos biótopos isentos de predadores como a ilha do Meio e ilha do Chapéu Sueste. Acredita-se que pequenos grupos da arribaçã de Fernando de Noronha migram para o continente e cheguem mesmo a participar de pombais entre os meses de fevereiro e julho no Nordeste. Os estudos zoológicos realizados em campo pela equipe do CNPDA/EMBRAPA e do Departamento de Ecologia da USP, em dezembro de 1987, estimaram a população total de arribaçã em torno de 40.000 indivíduos, com pequenas flutuações ao longo do ano.

Essa população pode ser considerada muito pequena, pois o número de indivíduos é inferior ao da maioria dos pombais do continente. Ela apresenta um elevado grau de fragilidade devido ao efetivo exíguo, ao isolamento no contexto insular, à distância ao continente, à progressiva transformação de parte de seus habitats primitivos pelo homem, assim como a introdução, voluntária ou involuntária, de predadores da pomba e de seus ninhos (o lagarto teju, o rato, o gato, etc).

A caça sistemática ou esporádica poderia comprometer ainda mais a difícil situação da espécie. Os que tomassem tal decisão, somente se imortalizariam como os que determinaram a extinção de uma espécie da fauna do Território. O zoneamento agroecológico em vias de implantação pelo Governo do Território, conjugado a uma decidida e eficiente atuação da Guarda Territorial deveria ser suficiente para garantir a sobrevivência da espécie. Estudos e pesquisas complementares, atualmente em curso, são de grande importância para ilustrar com fatos e argumentos uma campanha de educação ambiental junto à população local, para que a pomba se torne um símbolo de preservação e não uma vítima do desenvolvimento social ora em curso.